

Ninguém crê em congelamento

Apesar de tanta precaução, ninguém acredita num choque econômico com a mesma proporção do Plano Cruzado, em 1986. Os segmentos de ponta, como o varejo, admitem: só um controle de preços — associado a medidas mais severas de corte no déficit público — seria capaz de frear o aumento da inflação. E só consideram-no viável para os preços industriais. Esse raciocínio, no entanto, não invalida a busca de proteção porque, dizem, mesmo sem choque têm de se proteger contra a própria inflação.

Mas a inflação é só um dos argumentos usados pelos empresários para não tornar público esse medo. Os lojistas justificam o "descontômetro" como mais uma forma de concorrência

cia e para motivar o consumidor às compras, pois as vendas têm se mantido muito baixas. Só não conseguem explicar o porquê de os preços das notas fiscais serem os originais, com os abatimentos. As afirmações a respeito do efeito psicológico sobre os consumidores não convencem, nem à concorrência, para quem está clara a intenção de garantir um preço mais alto em caso de congelamento.

A dona de casa Zenaide Carvalho não consegue, como a maioria dos consumidores, perceber se o novo preço dos produtos decorre da inflação em alta ou da neurose pré-choque. Só sabe dos aumentos diários. "A única forma de acabar com isso seria termos um presidente de pulso firme", diz José Moreira, motorista, acha que seus Cr\$ 30 mil de salário por mês poderiam render muito mais com os preços congelados.

Como bom mineiro, o cabo da Marinha Fernando César Vieira não acredita em choques: "O empresário é o primeiro a não cumprir as regras", afirma, enquanto antecipa as compras de Natal para fugir da inflação. Para a orientadora educacional Cidinez Bittencourt, a renda mensal não dá a menor condição de antecipar as compras. Desanimada, não consegue ver congelamento ou qualquer outra medida que resolva o problema do País: "Não acredito em mais nada", resume.



Francisco Alves/AE

Cidinez: descrença